



Os Três ensaios e a teoria da sedução

Jean Laplanche, Paris*

O autor revisita os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, afirmando-os como um acontecimento na teoria da sedução. Ao detalhar as diferentes versões deste texto escrito por Freud, acentua a incessante afirmação da sexualidade infantil com suas especificidades: pulsões parciais, zonas erógenas, apoio, perversidade polimorfa.

Apresenta duas linhas de pensamento que ligam os Três ensaios à teoria da sedução: a existência de dados nesse escrito que poderiam ter permitido a reconsideração da teoria da sedução e a possibilidade de pensar sobre o papel da sedução nesse texto.

O autor propõe algumas linhas de discussão: (a) a linha biológica, (b) a linha relacionada com o objeto e (c) as questões do remanejamento da puberdade contidas no terceiro ensaio.

Descreve a sua teoria de que a noção de sexualidade generalizada, bem como a de uma perversão polimorfa infantil permanece presente, de forma latente e inconsciente no adulto. Isso responde a uma das objeções mais importantes que Freud se coloca para falsificar a teoria da sedução. Afirma que todo adulto vê despertar em si a sua sexualidade perversa e que esse aspecto é passado nas mensagens mais precoces que são enviadas à criança.

Descritores: Três ensaios. Sexualidade. Teoria da sedução generalizada. Pulsão. Relação de objeto.

* Membro da Associação Francesa de Psicanálise.





Os títulos que inicialmente propus para esta conferência foram finalmente abandonados em favor deste, mais clássico : *Os Três ensaios e a teoria da sedução*. As fórmulas que me vieram espontaneamente à mente foram *Os Três ensaios como mensagem enigmática* ou *Os Três ensaios como traumatismo*. Vê-se, assim, que incluo este escrito de Freud, este episódio do pensamento freudiano, como um acontecimento no próprio seio da *teoria da sedução* e na maneira com que Freud se debate com e contra ela.

Para sentir melhor este aspecto *enigmático* ou *traumatizante*, convém referir-se ao acontecimento de 1905, isto é, à primeira edição dos *Três ensaios*. Na edição francesa (*Oeuvres complètes de Freud: Psychanalyse*. P.U.F.), da qual sou o diretor científico, decidimos marcar com um traço contínuo, na margem, todas as passagens datando das edições ulteriores: 1910, 1915, 1920, 1924. Aconselho a vocês que façam da mesma maneira com os volumes das *Gesammelte Werke* e *Studienausgabe* e, em seguida, ler de modo contínuo unicamente a versão de 1905. O efeito é surpreendente, desconcertante. Tudo o que parecia bem conhecido, os *estágios* do desenvolvimento libidinal, o narcisismo, a evolução progressiva para o primado genital, tudo isto desaparece. Resta então um texto estranho, quase barroco, mas, no entanto, sustentado por sólidas linhas de força.

Trata-se antes de tudo da afirmação incessante da sexualidade infantil com suas especificidades: pulsões parciais, zonas erógenas, apoio (*Anlehnung*), etc... e com seu problema econômico misterioso senão insolúvel: a diferença entre o prazer de excitação e o prazer por redução de tensão. Trata-se também da afirmação da *perversidade polimorfa* originária e de sua integração eventual no prazer genital sob forma de prazer preliminar. Paro aqui para sublinhar que estes temas são frequentemente retomados ao longo do texto de maneira um pouco contraditória.

Voltarei a este ponto: estamos em presença de uma espécie de ser um pouco heteróclito, de uma esfinge enigmática e sedutora. Mas não acreditem que as partes acrescentadas nas edições seguintes esclarecerão as coisas. Apenas forçarão a entrada de um esquema histórico-genético no conjunto, ligando a sexualidade do bebê à do adolescente por uma série de estágios ou *organizações*. Freud (1904-1905c) não assume, então, a tarefa insuperável de remodelar todo o conjunto, como por exemplo, o início do terceiro capítulo, em que está descrita uma oposição marcada entre a puberdade e toda a vida sexual anterior na qual: “A pulsão sexual era até aqui principalmente auto-erótica [...] as pulsões e zonas eróticas isoladas buscavam, independentemente umas das outras, o prazer como meta sexual.” (p. 108).





Poderíamos dissertar longamente sobre esta visão de 1905, tão distante da simples observação da criança, colocando com insistência uma barreira nítida entre uma infância auto-erótica e a puberdade, esboçando uma espécie de modelo de uma criança vivendo muito tempo sem fantasias, já que estas só são mencionadas explicitamente em torno da puberdade e em relação com o onanismo. Não poderíamos oferecer um melhor resumo destes *Três ensaios* de 1905 do que estas poucas linhas em que Freud os sintetiza em 1908¹:

Originariamente, a pulsão sexual dos seres humanos não visa de modo algum a servir à reprodução, mas tem por meta algumas formas de obter prazer. É assim que ela se manifesta na infância do homem, onde atinge sua meta, a obtenção de prazer, não somente sobre os órgãos genitais, mas sobre outros pontos do corpo (zonas erógenas) e pode assim renunciar a tudo o que não são esses objetos agradáveis. Chamamos este estágio de *auto-erotismo* e atribuímos à educação a tarefa de limitá-lo (p. 34, grifos meus).

Uma vez esboçado a grandes traços este quadro geral, é o momento de indicar as duas linhas de pensamento que ligam os *Três ensaios* à teoria da sedução:

- a) em que medida este texto, produzido oito anos mais tarde, traz dados que poderiam ter permitido reconsiderar *o abandono da teoria da sedução*?
- b) que pensar do papel da sedução neste texto?

a) Sobre o primeiro ponto, é conveniente lembrar que a teoria freudiana da sedução (1895-1897) tinha essencialmente por finalidade explicar fenômenos *patológicos*: a etiologia da histeria e a constituição do inconsciente nesta afecção. A teoria da sedução se resume nesta fórmula: *à filha histérica, pais perversos*. A partir daí, o abandono da teoria por Freud ganha o sentido de uma verdadeira *falsificação*, no sentido de K. Popper. Sem entrar no detalhe do duvidar das *neuróticas*, sublinharemos um único argumento, que é de tipo estatístico e quase inevitável: para gerar um paciente histérico, diz Freud, é necessário pelo menos um dos pais perverso (sedutor). Seria mesmo preciso uma maior proporção de perversos na geração anterior, se é verdade que a perversão parental deve se aliar a outros fatores patogênicos para produzir uma histeria (Freud, 1897-1902, carta de 21/09/1897):

¹ N.R.: No original: FREUD, S. (1906-1909). Die "kulturelle" sexualmoral und die moderne nervosität. In: *Gesammelte werke*. v. 7. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972, p. 151.



Em seguida, a surpresa de constatar que no conjunto dos casos era preciso incriminar *o pai como perverso*, sem excluir o meu, e a noção da frequência inesperada da histeria, onde, a cada vez, esta mesma condição encontra-se mantida, muito embora uma tal extensão da perversão em relação às crianças seja, apesar de tudo, pouco verossímil (p. 191, grifos meus).

Ora, contra esta objeção, os *Três ensaios* (1905) vêm trazer *a posteriori* um argumento decisivo: todos os filhos dos homens trazem com eles, desde a infância, uma potencialidade perversa polimorfa. Além disso, esta perversão polimorfa não se apaga com a infância; recalçada ou sublimada, ela persiste à título de potencialidade em todo adulto: “Em nenhum indivíduo saudável pode faltar um acréscimo, que qualificaremos de perverso, à meta sexual normal [...]” (p. 60). Ou ainda “[...] é definitivamente impossível não reconhecer, na igual predisposição a todas as perversões, o humano e o original em sua universalidade.” (p. 92).

Além disso, esta potencialidade sexual infantil é despertada no adulto cuidador, ao longo de sua relação com a criança:

[...] a pessoa que cuida da criança – em regra geral, a mãe – considera a própria criança com sentimentos provenientes de sua própria vida sexual, a acaricia, beija e embala, tomando-a de maneira absolutamente nítida por substituto de um objeto sexual legítimo. (p. 124).

O argumento *estatístico* contra a teoria da sedução cai então: todos os pais, todas as *Pflegenpersonen*, todos os adultos são potencialmente perversos sedutores. O que obriga a reconsiderar os termos da carta de 21 de setembro de 1897: a sedução tem todas as chances de se produzir em toda *relação de cuidados* (*Pflege*).

E isto não é para afirmar que os *Três ensaios* (1905) constituíam o único elo perdido para restaurar a teoria da sedução. Restariam numerosos passos para admitir que o recalçamento e o inconsciente não são fenômenos raros, patológicos, mas a provisão de toda a humanidade. Nesta progressão na direção da teoria da sedução generalizada, outros elementos teóricos estão ausentes: a generalidade da *situação antropológica fundamental* adulto-criança, mesmo fora da situação familiar ou edipiana; a noção de mensagem e de mensagem enigmática proveniente do adulto; a tentativa de aplicar ao recalçamento um modelo mais afastado de um puro jogo mecânico de forças e mais próximo de uma teoria da comunicação: mensagem – tradução – fracasso da tradução.

b) A teoria sexual chega então tarde demais para salvar, em toda sua amplitude, a teoria da sedução. Mas *o que acontece, no texto, com a sedução ela mes-*



ma? Este segundo ponto necessitaria um desenvolvimento muito mais longo.

Sublinhemos inicialmente que a *sedução é onipresente* nos *Ensaio*s dois e três. O texto mais importante de Freud ao qual ele mesmo se refere nos *Três ensaios* é, aliás, *Zur Ätiologie der Hysterie* (1896) (texto onde é desenvolvida mais explicitamente a teoria da sedução) não somente no que concerne à importância da sexualidade infantil: “Sublinhei desde 1896 a significação dos anos da infância para o surgimento de certos fenômenos importantes da alçada da vida sexual e não cessei desde então de colocar no primeiro plano o fator infantil da sexualidade” (1904-1905b, p. 77).

Mas também a da sedução:

[...] não posso admitir [...] ter superestimado, em meu ensaio de 1896, *Sobre a etiologia da histeria*, a freqüência ou a importância (da sedução), embora que naquela época ainda não soubesse que indivíduos que permaneceram normais podem ter passado pelas mesmas experiências em seus anos de infância [...] (p. 91).

O argumento merece que nos detenhamos um instante: a sedução, segundo os *Três ensaios*, não é mais rara, mas sim *mais freqüente* do que Freud acreditava em 1896. Ela se apresenta também nos normais... Disso Freud poderia ter concluído que ela explica tanto o inconsciente normal quanto os fatos patológicos. Mas ele não o faz, pois não chegou, parece, à idéia de um inconsciente *normal*.

Neste texto muito complicado, no qual as argumentações se cruzam e nem sempre concordam, tentemos destacar *algumas linhas de discussão*:

a) a *linha biológica*. A origem da pulsão é incontestavelmente relacionada a fatores biológicos inatos: “Parece certo que o recém-nascido traz com ele os germes de moções sexuais que continuam a se desenvolver durante certo tempo, mas que sofrem em seguida uma repressão progressiva” (1904-1905b, p. 77).

Conhecemos bem o tema geral: a sexualidade infantil está ligada a zonas erógenas e se subdivide em pulsões parciais que buscam o prazer, cada uma por sua própria conta. Mas estas zonas erógenas são, por sua vez, apenas elementos que se ligam a uma erogeneidade potencial do conjunto do corpo. Todo o revestimento corporal, toda a pele é dotada de uma erogeneidade potencial: “Na investigação das zonas erógenas, já descobrimos que estes locais da pele mostram somente um aumento particular de um modo de estimulabilidade que encontramos, a um certo grau, no conjunto da superfície cutânea” (p. 102).

Seria a mesma coisa (trata-se de um acréscimo ulterior) para os órgãos internos. Todos são capazes de excitação sexual. O que coloca múltiplos proble-



mas. Em primeiro lugar, o da excitação em sua relação com o prazer. Freud deixa em aberto, como misterioso e não elucidado, o fato de que a excitação (isto é, o aumento da tensão) seja ela mesma um prazer, o que contradiz a idéia geral do prazer. Ele volta várias vezes a este paradoxo da excitação-prazer: “[...] tem-se, numa certa medida, uma impressão desconcertante, dado que um dos estímulos parece exigir, para sua supressão, um segundo, aplicado no mesmo local” (p. 86).

Por outro lado, a noção de *fonte* somática da pulsão, se ela é fecunda, traz também – em sua extensão – muitas dificuldades. Pode parecer evidente para certas zonas, oral, anal ou genital, mas é preciso sublinhar algumas insuficiências. A *zona erógena do seio* é omitida na mulher. Desde que nos afastamos dos casos mais simples, o esquema inicial se aplica mal. É assim que Freud se obstina a considerar o *olho* como a fonte, a zona erógena do *Schaulust* (voyeurismo/exibicionismo). Ora, a concepção de uma turgescência orgânica do órgão da visão é totalmente inverossímil. Por outro lado, e não sem fecundidade, Freud sublinha que certos acontecimentos ou processos gerais podem estar na origem, na *fonte da sexualidade infantil* (e da sexualidade adulta): viagens de trem, processos afetivos, trabalho intelectual ... Ora, em numerosos destes casos, a passagem pela erogeneidade cutânea parece mal assegurada.

Indo além dessas dificuldades, que nos conduzirão mais tarde à questão geral da fantasia, lembremos agora a função ou o papel fundamental atribuído à sedução no nascimento da sexualidade. Freud (1904-1905b) é claro e mesmo categórico: a sedução é muito freqüente e seu significado nunca será superestimado. Mas, inversamente: “É evidente que a sedução não é necessária para despertar a vida sexual da criança, pois um tal despertar pode também se efetuar espontaneamente a partir de causas internas” (p. 91).

O limite a uma psicogênese ou a uma gênese intersubjetiva da pulsão (nossa própria tese) se acha então nitidamente estabelecido, e desde então Freud poderá permitir-se descrever largamente as modalidades da influência dos gestos sedutores do adulto. É interessante constatar a ligação da sedução com a noção de perversidade polimorfa: a criança só traz com ela, ao nascer, uma disposição inata: “É instrutivo constatar que a criança, sob a influência da sedução, pode tornar-se perverso polimorfo” (p. 91).

Freud vai mesmo até o ponto de avançar que o mesmo processo pode se produzir em numerosas mulheres que não conheceram o processo cultural: “[...] nisto a criança não se comporta de maneira diferente que, por exemplo, a mulher média que não foi tocada pela cultura, em quem subsiste a mesma predisposição perversa polimorfa.” (p. 92).

Voltaremos a este tema mais à frente, a partir da questão do objeto.



Concluamos esta primeira evocação de textos através de algumas reflexões pessoais.

Inicialmente convém estabelecer a diferença entre os fatos de sedução e a *teoria da sedução*. Esta última tem por finalidade explicar o caráter propriamente sexual da excitação. Na antiga teoria, principalmente centrada na histeria, esta teoria estava associada a uma explicação do recalçamento e da gênese do inconsciente histérico.

Aparentemente, este aspecto explicativo desapareceu completamente em 1905. A sedução é onipresente no texto, mas seu papel é estritamente limitado:

– Ela se produz sobre a base de uma teoria fisiológica (por vir), da erogeneidade geral do corpo.

– Ela se limita a contatos somáticos sem função de *comunicação* entre o adulto e a criança; trata-se de simples excitações das zonas erógenas, sem contribuição da fantasia do adulto. Várias vezes Freud parece mesmo querer insistir sobre o aspecto mecânico das ações excitantes, negligenciando completamente o aspecto relacional:

Dadas a situação anatômica, a inundação das secreções, as lavagens e fricções dos cuidados corporais e certas excitações acidentais (como as migrações dos vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação de prazer que este lugar do corpo é capaz de produzir se faça observar pela criança desde a idade de bebê e que desperte uma necessidade de ser repetida (p. 88-89).

Permitam-me aqui intervir com uma colocação *pessoal*, já que eu mesmo desenvolvi o que denomino *teoria da sedução generalizada*. Não se trata, para mim, de negar uma excitabilidade (*Reizbarkeit*) geral de todo ser vivo, especialmente no nível do envelope cutâneo e particularmente no que concerne aos locais de entrada e de saída do corpo. Aquilo que existe para todo organismo, mesmo uma bolha protoplasmática monocelular, como negá-lo na criança? Mas a assimilação desta *Reizbarkeit* geral a uma *Verführbarkeit*² corre o risco de ser enganosa, na medida em que implica a presença prévia da sexualidade do organismo. Ora, sabemos que precisamente no *infans*, no pequeno ser humano, as condições hormonais da sexualidade que encontraremos na puberdade estão praticamente ausentes.

² N.T.: Sedutibilidade.

Segundo nosso ponto de vista, o caráter propriamente *sexual* da *vida sexual da criança* permanece impossível de definir num plano unicamente fisiológico. Ele é inseparável do aparecimento da fantasia sexual, ela própria correlativa da intervenção de um outro (o adulto sexual).

b) *uma outra linha* que concerne à sedução não é menos estranha e interessante: *a que está relacionada com o objeto*.

Sabemos o quanto a noção de objeto e de relação de objeto se tornaram pregnantes numa certa psicanálise. Aqui, nos *Três ensaios*, estamos, por assim dizer, no ponto inicial desta evolução, e as coisas não são sempre esclarecidas. É sem dúvida evidente que o objeto em questão é o objeto da *pulsão sexual* e unicamente este. Jamais este problema será confundido com o do objeto perceptivo em geral, seja ele o de Piaget ou mesmo o de Winnicott.

No entanto, a *questão objeto total/objeto parcial* permanece aberta e imprecisa. No primeiro dos *Três ensaios*, *objeto* é empregado no sentido de uma pessoa total, e Freud estuda longamente sob esta acepção as *aberrações quanto ao objeto*, particularmente a escolha de objeto homossexual. No que concerne a esta primeira aparição do problema da escolha do objeto como pessoa, Freud manifesta muito cedo reservas quanto ao que poderia ser uma ligação intrínseca entre a pulsão e o sexo do objeto; a seguinte nota, que é, certo, de 1915, é característica desta concepção:

Para a psicanálise, são, na realidade, mais a independência da escolha de objeto em relação ao sexo do objeto, a liberdade de dispor igualmente de objetos masculinos e femininos – tal como se pode observar na idade da criança, nos estados primitivos e nos primeiros tempos da história – que aparecem como sendo o elemento original, a partir do qual se desenvolve, por restrição de um lado ou do outro, tanto o tipo normal como o tipo da inversão (1904-1905a, p. 44).

Esta verdadeira indiferença originária da pulsão em relação ao sexo do objeto total deve ser sublinhada. Sem dúvida ela é reenviada à noção de bissexualidade, mas a questão vai mais longe e encontra uma verdadeira separação de natureza, que Freud entende manter entre *pulsão* e *objeto*.

Mas voltemos inicialmente à *questão mais simples* de saber se Freud entende por objeto sexual *o objeto total (uma pessoa) ou um objeto parcial*, uma parte do corpo. Percebemos então que a perspectiva mudará completamente entre o primeiro Ensaio (objeto total) e o terceiro. Neste último, bruscamente, o objeto se



tornou o objeto parcial da pulsão parcial: o seio, por excelência, para o bebê.

Na verdade, teríamos muita dificuldade em sintetizar os dois pontos de vista total/parcial. E isto pela razão que Freud *centra pouco a teoria da pulsão infantil na relação com o objeto*. Pode-se mesmo dizer que considera inicialmente o objeto *como dispensável* em relação à busca da excitação e do prazer vinculados às zonas erógenas. A síntese genital, a vinculação com a procriação são essencialmente contribuições pubertárias. Da pulsão sexual em si, Freud extrai uma concepção misteriosa, quase mística; o auto-erotismo é um estado quase primeiro, sem objeto exterior, no qual uma outra parte do corpo pode ser tomada como parceiro, numa espécie de relação espelhada.

A passagem mais surpreendente se encontra no primeiro *Ensaio*, no fim do capítulo sobre os *Desvios que concernem ao objeto sexual*:

O que retiraríamos, no entanto, como resultado mais geral destas discussões é a idéia que, na multidão de condições e num número surpreendentemente grande de indivíduos, a natureza e o valor do objeto sexual passam a um segundo plano. Alguma outra coisa é essencial e constante na pulsão sexual. (p. 48).

Esta passagem é completada por uma nota não menos surpreendente, datada de 1910, mas na mesma linha desta idéia, em que Freud opõe a alta estima dos Antigos pela pulsão em si mesma à nossa centralização demasiado exclusiva sobre o objeto:

A diferença mais fundamental entre a vida amorosa do mundo antigo e a nossa reside, sem dúvida, no fato que os Antigos enfatizam a pulsão em si mesma, enquanto nós enfatizamos seu objeto. Os Antigos celebravam a pulsão e estavam mesmo prontos a enaltecer um objeto de pouco valor em seu nome, enquanto que nós fazemos pouco caso da atividade pulsional em si mesma e que só lhe encontramos escusas nas vantagens do objeto. (p. 48).

Não é das coisas mais simples imaginar o que Freud entende por *a pulsão em si mesma* ou ainda *o que é essencial e constante na pulsão sexual*. Uma pulsão, com o prazer como única meta, auto-erótica, significa que ela não tem nenhum objeto fora do próprio corpo. (Infelizmente a questão da fantasia e do objeto fantasmático *interno* não é de forma alguma evocada, notadamente na reviravolta que leva da sucção do seio à sucção do polegar).

Para levar a surpresa ao máximo, convém relacionar esta oposição pulsão/



objeto com a passagem que segue. Trata-se dos efeitos da sedução sobre a própria pulsão:

Não obstante, a influência da sedução não ajuda a desvelar o que acontece inicialmente com a pulsão sexuada, mas, ao contrário, confunde nossa maneira de ver pelo fato de conduzir prematuramente a criança ao objeto sexual, pelo qual a pulsão sexual infantil não mostra inicialmente nenhuma necessidade. (1904-1905b, p. 92).

O ponto mais importante nesta surpreendente observação é de natureza epistemológica: *a sedução confundiria nossa maneira de ver (verwirrt unsere Einsicht)* e nos impediria de compreender o que é verdadeiramente a pulsão, isto, ao introduzir falsamente o objeto num processo no qual ele não teria o que fazer.

Como fazer para melhor sentir o quanto Freud está, ao mesmo tempo, próximo e longe da *solução tal qual nós a concebemos?* Pensamos, nós também, que é pela sedução que o outro intervém na sexualidade infantil. Mas, longe de colocar Freud na via de uma gênese da sexualidade, esta constatação é assimilada a um tipo de artefato infeliz. Se considerarmos que já a pulsão deve ser considerada como um instinto desviado, a sedução introduziria um desvio epistemológico ainda mais grave.

c) Mas tudo isso vai ainda sofrer uma modificação, dificilmente compatível com o que precede. Trata-se do terceiro *Ensaio, Os remanejamentos da puberdade*, no qual Freud retoma novamente a questão do objeto.

Freud (1904-1905c) começa, certo, na linha direta das idéias que precedem – com seu caráter paradoxal:

A pulsão sexual era até aqui (antes da puberdade) principalmente auto-erótica; agora ela encontra o objeto sexual. Até aqui ela se exercia a partir de pulsões e de zonas erógenas isoladas que, independentemente umas das outras, buscavam um certo prazer como única meta sexual. (p. 108).

Mas, após algumas páginas, surge o capítulo *Die Objektfindung* (a descoberta do objeto), que *inverte toda a perspectiva*. Falo do primeiro parágrafo deste capítulo, que se conclui pela famosa fórmula *die Objektfindung ist eigentlich eine Wiederfindung* (a descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta).

Em algumas linhas, em contradição aparente com as passagens do segundo *Ensaio*, Freud (1904-1905c) afirma:



a) que a pulsão sexual em geral possui um objeto primeiro, fora do próprio corpo: o seio da mãe;

b) que o auto-erotismo não é um estado originário, que viria *confundir* a influência da sedução, mas um estado secundário, que aparece com a perda do seio: “A pulsão sexuada torna-se então, em regra geral, auto-erótica” (p. 123).

O capítulo que se segue retoma novamente, durante duas longas páginas, o tema da sedução, sedução pela babá, pelas pessoas que cuidam e, é claro, em primeiro lugar, pela mãe. Desta sedução Freud faz o maior elogio, atribuindo-lhe o despertar e a potência da pulsão sexual no futuro adulto: “A mãe ficaria muito provavelmente horrorizada se lhe explicássemos o fato de que é ela que, com todos os seus carinhos, desperta a pulsão sexual de sua criança, preparando sua intensidade ulterior” (p. 124).

Neste novo contexto, sublinhemos vários pontos:

Por um lado, esta sedução aparece aqui como um fenômeno freqüente, ou seja, universal, já que não depende somente da excitação direta das zonas genitais, que é *inevitável nos cuidados corporais*, mas também da simples relação de ternura: “[...] a pulsão sexuada não é somente despertada pela excitação da zona genital; aquilo que chamamos de ternura manifestará, um dia, inevitavelmente, seu efeito também sobre as zonas genitais”³ (p. 124).

Por outro lado, esta sedução tem um duplo efeito: ela *prepara a intensidade ulterior da pulsão sexual*, mas está também na origem de numerosas relações de amor sexual com as diversas *pessoas que cuidam da criança*, em particular a mãe. Esta passagem é difícil de conciliar com uma idéia já mencionada: a afirmação de que a vida sexual do indivíduo não conhece nenhum objeto antes da puberdade.

Mas ainda há mais, se voltamos ao tema mais importante deste capítulo que é a *descoberta do objeto*. Esta, afirma Freud, apenas sucede a uma *descoberta* originária, a descoberta do seio materno. O objeto é então *introduzido*, diríamos, com o aleitamento. Mas em nenhum momento Freud admite *se perguntar se não se trata de uma primeira sedução*.

Inicialmente, considera o *Saugen* (chupar, mamar) apenas como uma *atividade* exclusivamente da criança; será apenas mais tarde, com o *Leonardo* e com a interrogação sobre a passividade inerente à fantasia do abutre, que ele se pergun-

³ Não deixaremos de ver aqui a prefiguração de uma idéia que nós desenvolvemos longamente no nosso artigo *Sexualité et attachement dans la métapsychologie* – In: WIDLÖCHER, D.; LAPLANCHE, J. *Sexualité infantile et attachement*. Paris: P.U.F., 2000. (Petite Bibliothèque de Psychanalyse) : a relação de *attachement* (e as mensagens que se referem) constituem a *onda transmissora* que vem *comprometer* o inconsciente sexual vindo do adulto. A *ternura* freudiana é o primeiro nome para designar o *attachement* moderno.





Jean Laplanche

tará se o *Saugen* na realidade não corresponde a um *Säugen* (dar a chupar), introduzindo por aí a questão da atividade da mãe.

Por outro lado, Freud é constantemente rebelde à idéia de que o seio, na mulher, é uma zona erógena importante. Introduzir esta idéia lhe faria colocar em jogo toda a relação de sedução naquilo que lhe convinha denominar *experiência de satisfação*.

A nosso ver, o inconsciente materno é posto em jogo no ato do *Säugen*. Um passo a mais e poderemos nos perguntar, com a introdução do seio, o que *passa* como mensagem parcialmente inconsciente da mãe à criança. Ora, somos obrigados a constatar que esta primeira página sobre a *descoberta do objeto* permanece muda sobre a sedução pelo aleitamento, mesmo no momento em que a sedução em geral está tão largamente presente ao longo do segundo e terceiro *Ensaio*.

Para concluir

Em nossa primeira parte mostramos que a noção de sexualidade generalizada, bem como a de uma perversão polimorfa infantil que permanece presente, de forma latente e inconsciente no adulto, vinham responder a uma das objeções mais importantes que Freud se coloca para *falsificar* a teoria da sedução. Todo adulto, especialmente em presença da criancinha, vê despertar em si mesmo esta sexualidade *perversa* (no sentido mais geral do termo) e que não pode deixar de passar nas mensagens mais precoces enviadas à criança pelo adulto.

Em nossa segunda parte, ficamos ainda na primeira versão, de 1905. O segundo e terceiro *Ensaio*s são literalmente invadidos pela noção de sedução. Enquanto que a pulsão é dita, em sua essência, como indiferente à questão do objeto, e isto até a puberdade, o objeto vai ser *introduzido* (e, diria Freud, de maneira ilegítima) pelas seduções quase inevitáveis, provenientes do adulto, e que introduzem uma perturbação, ao mesmo tempo real e epistemológica, numa visão clara da pulsão. Mas ainda que tendo reconhecido (e, como que contra sua vontade) o papel intersubjetivo da sedução, Freud não aproveita a ocasião de utilizar esta idéia para analisar a primeira introdução de um objeto, a do *seio*, como o protótipo mesmo de uma sedução pelo outro materno. Nesta experiência, aquele que permanece ativo é unicamente o bebê e não a mãe.

Finalmente, ao mesmo tempo *em que generaliza os fatos de sedução* à infância normal, sublinhando então a enorme importância dos mesmos, Freud *não chega a uma teoria metapsicológica* que atribuiria à sedução um papel fundamen-





tal na teoria do recalçamento normal, da gênese do inconsciente e do surgimento da pulsão sexual.

Muitos elementos faltam ainda: a idéia de uma comunicação precoce entre o adulto e a criança; a idéia de que as mensagens do outro adulto estão numa posição de dissimetria em relação às mensagens da criança, estando as mensagens dos adultos infiltradas pelo inconsciente sexual infantil do emissor. Faltaria também uma tentativa de descrição do tratamento, pela criança, destas mensagens enigmáticas vindas do adulto (tradução–recalçamento).

Por mais geral que seja a presença da sedução nos *Três ensaios* de 1905, constata-se que a ocasião não foi aproveitada para desenvolver uma *teoria* da sedução generalizada normal, que se situaria no prolongamento da *teoria* restrita, psicopatológica, esboçada nos anos 1895-1897. □

Abstract

Three essays and the theory of seduction

The author revisits the *Three essays on the theory of sexuality*, affirming them as an event in the *theory of seduction*. On presenting details on the different versions of the text written by Freud, he highlights the unceasing affirmation of child sexuality with its specificities: partial drives, erogenous zones, support, polymorph perversity.

He presents two lines of thinking that connect the *Three essays* to the *Theory of seduction*: the existence of data in this writing that could have allowed the reconsideration of the theory of seduction and the possibility of thinking about the role of seduction in this text.

The author proposes a few lines of discussion: (a) a biological line, (b) the object relations line and (c) the issues of rearrangement of puberty contained in the third essay.

He describes his theory that the notion of generalized sexuality, as well as that of an infantile polymorph perversion remains present, latent and unconscious in the adult. This answers one of the most important objections Freud presents to counterfeit the theory of seduction. He states that every adult sees awaken in himself his perverse sexuality and that this aspect is passed on in the earliest messages sent to the child.





Jean Laplanche

Keywords: *Three essays*. Sexuality. Theory of generalized seduction. Drive. Object relations.

Resumen

Los tres ensayos y la teoría de la seducción

El autor retorna al texto *Tres ensayos sobre la teoría de la sexualidad*, señalando-lo como un acontecimiento en la teoría de la seducción. El texto de las distintas versiones de Freud es revisada. En esas versiones aparece la permanente afirmación de la sexualidad infantil con sus particularidades (pulsiones parciales, zonas erógenas, apoyo, perversidad polimorfa). Presenta dos vías de pensamiento que vinculan los *Tres ensayos* a la *Teoría de la seducción*: (a) hay datos en ese escrito que terían permitido la reconsideración de la *teoría de la seducción*; (b) describe qual hubiera sido el papel de la seducción en esos escritos. Propone algunas líneas de discusión referentes (a) a la línea biológica, (b) a la línea relacionada con el objeto y (c) a las cuestiones sobre el remanejo de la pubertad contenidas en el Tercero ensayo. Describe su teoría de la noción de sexualidad generalizada y la idea de que una perversión polimorfa infantil permanece presente de forma latente y inconsciente en el adulto. Eso responde a una de las objeciones más importantes de Freud para *falsificar* la teoría de la seducción. Afirma que todo adulto ve despertar en sí su sexualidad perversa y que ese aspecto transita en los mensajes mas precoces que son enviados al niño.

Palabras llave: *Tres ensayos*. Sexualidad. Teoría de la seducción generalizada. Pulsión. Relación objetal.

Referências

- FREUD, S. (1897-1902). *La naissance de la Psychanalyse : lettres à Wilhelm Fliess , notes et plans*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.
- . (1904-1905a). Die sexuellen abirrungen. In: *Gesammelte werke*. v. 5. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972, p. 33-71.
- . (1904-1905b). Die infantile sexualität. In: *Gesammelte werke*. v. 5. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972, p. 73-107.
- . (1904-1905c). Die umgestaltungen der pubertät. In: *Gesammelte werke*. v. 5. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1972, p. 108-132.





Os Três ensaios e a teoria da sedução

_____. (1905). *Trois essais sur la théorie sexuelle*. Paris: Gallimard, 1987.

_____. (1908). La morale sexuelle civilisée et la maladie nerveuse des temps modernes. In : _____.
La vie sexuelle. Paris: PUF, 1969, p. 34.

Recebido em 11/07/2005

Aceito em: 01/11/2005

Tradução de **Marcelo Marques**

Revisão técnica de **Luciane Falcão**

Jean Laplanche

55 rue de Varenne

75341 Paris, France

e-mail: laplanc2@aol.com

© Revista de Psicanálise – SPPA

